

Il est hyver, danse ; faineante.
Appren des bestes, mon ami.

BAIF.

A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros)	48000
OTOMEZES (até ao fim deste anno)	32000
SEMESTRE (26 numeros)	25000
NUMERO AVULSO	1000
SUPPLEMENTO	500
NUMEROS ATRAZADOS	1500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	1000

Escriptorio, Rua Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 8 de Agosto de 1895

N. 14

A CIGARRA

No dia 2 d'este mez, completou vinte annos de idade, a nossa formosa e querida collega, honra da imprensa brasileira, *Gazeta de Noticias*. *A Cigarra* beija e saúda Ferreira de Araujo, Ramiz Galvão, Henrique e João Chaves, Julio Braga, e toda a redacção da brilhante folha da manhã.



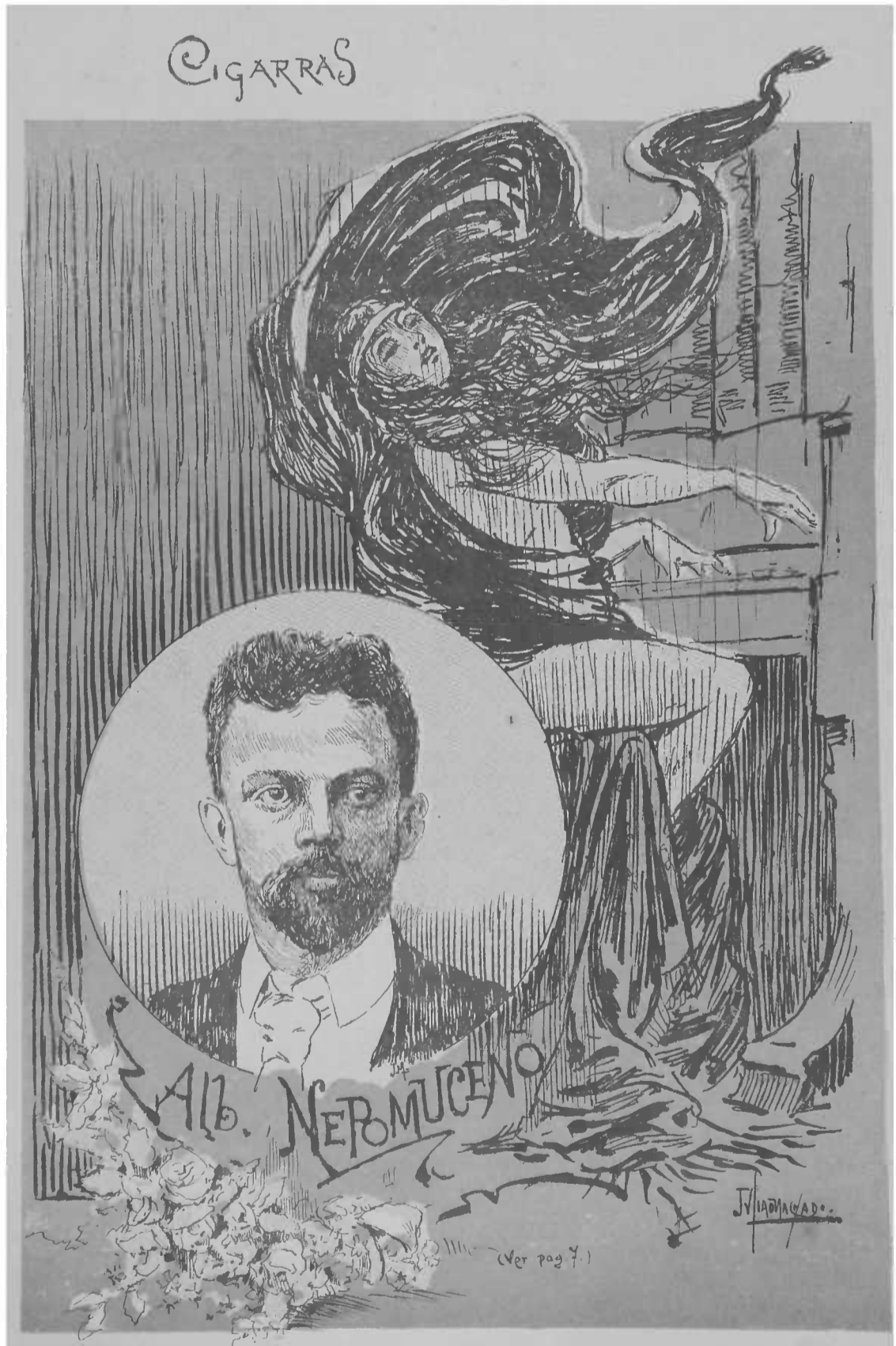
Cabe aqui, pois que é de um poeta que se trata, consignar o brilhantismo do grande baile offerecido no dia 27 do mez passado pelo *Club Gymnastico Portuguez* ao conselheiro Thomaz Ribeiro.



No proximo numero, *A Cigarra* publicará uma longa e admiravel poesia inedita de LUIZ MURAT.



Já foi posto á venda pelo editor Magalhães o volume da *Miragem*, de Coelho Netto: quatrocentas paginas, das quaes diremos em tempo, quando detidamente tivermos de estudar o brilhante papel que Coelho Netto tem representado em nossa litteratura.



(Ver pag 7.)



Por um dia fresco e luminoso da semana passada, fui ao Instituto Benjamin Constant. Inauguravam-se as novas oficinas do caridoso asylo e tinham organizado uma sessão litteraria e musical para solemnizar a inauguração.

A casa, alta e branca, fica diante do mar,— diante de um largo mar sereno. Os infelizes que o Instituto Benjamin Constant agazalha, não pódem vêr o céo immenso que se desdobra sobre as immensas aguas,—mas aos seus ouvidos retumba dia e noite a voz das ondas, e aos seus pulmões chega o ar livre e puro da barra.

Não sei porque, perturba e commove contemplar aquelles sessenta e tantos cégos, cuja vida laboriosa, toda dedicada ao estudo e á arte, corre mansamente diante d'aquelle grande horizonte,— grande como a infelicidade d'elles, mas grande tambem como a caridade e o carinho com que os trata o director do Instituto.

Não sei quanto tempo fiquei pensando n'isto, de pé, encostado a uma das janellas do salão de honra, enquanto o director, dirigindo-se ao Presidente da Republica, expunha-lhe as suas esperanças, os melhoramentos que já estão executados, a falta de recursos com que lucha aquelle estabelecimento de caridade,—n'um tempo em que tanto dinheiro gasta o Estado com a guerra do Sul.

Arrancou-me a essa meditação o concerto. Dois cégos, velhos ambos, executavam, em piano e orgão, uma barcarola. A melodia suavissima subia, dilatava-se, transbordava para o mar, atravez das janellas. Que doce é a physionomia do cégo, quando a musica lhe embaia a alma! A face eleva-se, as orbitas vasias parecem seguir o vôo das notas, em que o espirito, sedento da luz que não conhece, caminha para o céo...

A' sahida do Instituto, quando me vi cá fóra, e vi o sol, e vi a gente que passava, e vi a agua arrufada ao vento, tive um suspiro de allivio. Dostofewsky, o cruel romancista do *Crime e Castigo*, diz n'uma terrivel pagina epileptica: « e sahiram, levando no coração esse estranho sentimento de satisfação, que mesmo o homem menos egoista não pôde deixar de sentir á vista da desgraça alheia. » Ah! nós somos todos egoistas, perversamente egoistas! quando vemos um cégo, antes de lhe lastimarmos o infortunio, pensamos com jubilo que Deus ainda não nol-o inflingiu...

Vinha eu, pois, pensando isso, e gozando da vista que Deus me deu. E parece que Deus, esse editor a quem damos a responsabilidade de quanto nos succede por culpa nossa ou por culpa do destino, quiz castigar o meu egoismo.

E foi o caso que comecei, de passo em passo, a ver e a ouvir miserias, como se Deus me quizesse provar que não é grande ventura ter ouvidos e olhos para as cousas da terra.

Primeiro, foi uma creança que vi, á porta de uma estalagem,—pequeninna, maltrapilha, anemica, com os ossos furando a pelle suja,—esbordada por uma megera.

Depois, um homem que passava, com o nariz roído por um carcinoma; e o desgraçado ria, e fallava, bem nutrido, bem vestido, amando a vida assim mesmo, apesar d'aquella irrepara el miseria physica.

Depois, uma velha mulher, toda de negro,—um réles vestido de luto, desbotado e sujo, verde nas costuras: o seu corpo magro tremia dentro d'aquella roupa miseravel, sacudido de um *tic* doloroso;—uma desgraçada, doente, já no fim da existencia, e ainda correndo ao trabalho, carregando a canga da vida,—uma vida de lagrimas, de dores, de vexames, de affrontas tragadas, de fome e de vergonha...

Passava um bond. Metti-me n'elle Logo depois, *dlin!* *dlin!* subiu um sujeito gordo, suado, bruto, pisando todo o mundo, maltratando o cocheiro, descompondo o conductor. Sentou-se ao meu lado, e o primeira cousa que fez foi tirar a bota, para desafogar o pé, mostrando a meia de côr equivocada. Meu Deus! depois do espectáculo da miseria humilhada, o espectáculo da grosseria triumphante, da má-creação victoriosa, da estupidez insolente!

Dei as costas ao bruto, e fechei os olhos,—decidido a ficar cégo, e já achando menos infelizes aquelles infelizes, que deixára no Instituto, confinados na sua vida calma, toda de trabalho e de arte.

Mas, de que me serviu fechar os olhos? Começaram os ouvidos a funcionar. Dois cavalheiros conversavam atraz de mim. Ouvi, porque não havia meio de não ouvir: não estava disposto a tapar os ouvidos como fechára os olhos....

— Qual amnisiia! — dizia um — a unica cousa que o governo tem a fazer é perseguir aquelles bandidos como se perseguem cães damnados!

— Não! — dizia o outro — isso não são ideias de homem civilisado! Pois o senhor acha digno do nosso nome de povo serio que se leve por diante o morticinio, no sul, e a degola, e o saque, e a mutilação dos cadaveres, e o incendio, e todos os horrores da guerra civil?

— Acho, sim, senhor! tudo isso é muito natural! toda a guerra civil é cruel. Esses horrores são inevitaveis....

— São inevitaveis, enquanto durar a guerra! Mas, para isso mesmo, é que a paz é necessaria. Faça-se a paz, para que os horrores cessem!

— Qual paz, nem qual nada! o que é preciso é exterminar aquelles bandidos! Olhe! eu amo meu pae! pois bem! se meu pae fosse federalista, juro-lhe que seria capaz, eu mesmo, de degolal-o, sem hesitar!

Neste ponto, voltei-me e abri os olhos, para ver o rosto de quem fallava assim. Era um rosto de mocinho pallido, de olhos meigos e azues, e bocca serena: enquanto elle dizia aquillo, um sorriso de anjo lhe errava entre os labios....

Mas, o bonde chegava á cidade. Comprei os jornaes da tarde. Homicidios, roubos, sete desastres na Central, suicidios, artigos politicos abeberados de odio e fel, descomposturas, mo-finas,—calamidades... Fui á rua do Ouvidor. Mendigos exhibindo chagas hediondas, janotas fallando mal da vida alheia...

Fiquei acabrunhado. E pensei:—E é para ouvir e vêr tudo isto que eu agradeço a Deus o ter-me dado olhos e ouvidos!... decididamente, mais felizes do que eu são aquelles cégos que deixei, que não sabem o que vae por aqui, e que, entregues ao fabrico das suas escovas e ao trato dos seus instrumentos de musica, pairam sobre as miserias da vida, só tendo olhos para as cousas do céo... Irra! para que diabo não sou eu cégo?!...

Mas, n'esse momento, passou por mim, atravessando a rua do Ouvidor com um passo de rainha, uma soberba mulher, dentro de uma cheirosa nuvem de mocidade e de saúde. O ouro da sua cabelleira esplendia ao sol, como um capace de fogo. E como que as pedras offegavam apaixonadamente, quando as suas pequeninas botas de couro da Russia as batiam, leves e cantantes. Segui-a longo tempo com a vista, e murmurei:

— Foi para isto que Deus me deu olhos! que importa que elles tenham de ver tanta miseria, se pódem, de vez em quando, repousar amorosamente na contemplação de uma mulher bonita?

E fui, consolado, tomar um sorvete. Porque,— não sei se já lhes disse isto! — as cogitações philosophicas poem-me a garganta arder!...

Fantasio.

F. PIMENTEL.



REPORTAGEM LITTERARIA

Entre os livros que *A Cigarra* tem recebido ultimamente, merecem especial menção *Um canalha!* romance de Figueiredo Pimentel, e *Profanos*, contos de Arinos Pimentel.

O novo livro de Figueiredo Pimentel não é um romance de escandalo, como o *Aborto*; afina mais com *O Suicida*, novella animada e bem feita, que o auctor, ha tempos, publicou em folhetins da *Noticia* com illustrações de Julião Machado. *Um canalha!* tem paginas magnificas. Estudo de temperamento, lembrando em certos trechos o processo de Dostoiewsky, no *Crime e Castigo* e nos *Irmãos Karamazoff*, é bem conduzido, logicamente levado á conclusão. Isabelinha e o barão do Lamego são typos felizmente desenhados. Ha alli uns estudos de vida brasileira, em Macahé, S. Paulo e Campos, que se releem com prazer. Pagina de escriptor de pulso: a primeira entrevista amorosa de Isabelinha com o medico, em casa da velha Rita,— *entremetteuse* por vocação, gostando de, mesmo sem interesse, approximar apaixonados e facilitar-lhes o encontro e... o resto. Livro, em summa, cuja edição o publico certamente esgotará, porque além de ser bem feito, tem um sabor picante de fructo prohibido. A edição é da casa Laemmert.

Para os *Profanos* de Arinos Pimentel escreveu *Cosme Peixoto* um prefacio curto, em que mais uma vez o ex-alferes honorario mostra que sabe escrever como um general das letras. *Cosme* diz que Arinos Pimentel é um sol nascente. E é mesmo. O auctor é creança. Os seus contos, se não são de um escriptor feito, estão cheios de promessas radiantes. Vá lá esta chapa! — Fará certamente successo entre as nossas leitoras o volume dos *Profanos*, pequenos trechos lyricos, ingenuos, cheios de sentimento.

Z.

PAGINA DE UM DIARIO

Todo o mundo diz que o 15 de novembro foi uma surpresa. Foi uma surpresa para... a monarchia. Todo o anno de 89 teve uma agitação politica tremenda. E, ainda ha poucos dias, folheando *A Rua*, jornal que só deu 18 numeros e que era redigido por Pardal Mallet, Raul Pompéa, Luiz Murat e Olavo Bilac, encontrei no exemplar que traz a data de 4 de maio, as seguintes linhas de Mallet, com o titulo *A Imperial Fallação*:

« Abusando do estado enfermo do Imperador de meia duzia de brasileiros, Sua Magestade D. Pedro Ultimo, — o ministerio obrigou o pobre velho invalido a lêr uma cousa muito comprida, cheia de boas intenções como o calçamento do inferno, e entremeiada de maldades como uma predica de jesuita. Apesar de toda a ostensiva boa-vontade para com a distribuição da justiça (verdadeira e quasi unica funcção do estado), — a imperial fallação liga menos importancia a uma Relação que a um Bispado, e pede a cathedra episcopal para cada provincia. Proseguindo por esse theor a fóra, a imperial fallação divaga sobre as epidemias, e esconde a importancia do movimento revolucionario que está agitando a alma da patria. Resta, porém, a esperança da que essa será a ultima fallação de um orador com papos de tucano.»

Quando pensaria o adoravel rapaz (tão cedo morto!), escrevendo isso em maio de 89, n'um tempo em que, para ser republicano era preciso não ter medo da cadeia e da morte, que seria dois annos mais tarde preso, deportado e considerado *inimigo da Republica*, pelos que mamavam então soffregamente, na teta do thesouro, o ultimo leite da monarchia!

Y.

REPORTAGEM FLUMINENSE

Está doente a formosa M. chegada ha tres dias de Petropolis. Doente de colera e de desapontamento. Foi ella mesma quem me contou o caso, com uma lagrima de despeito que lhe humedecia a palpebra cor rosa.

Marcára-lhe a entrevista, na bella cidade de verão, n'um recesso de bosque, a dois passos da cascata. Agoa cantando perto, aboboda verde de folhas, flores e passaros por toda a parte.

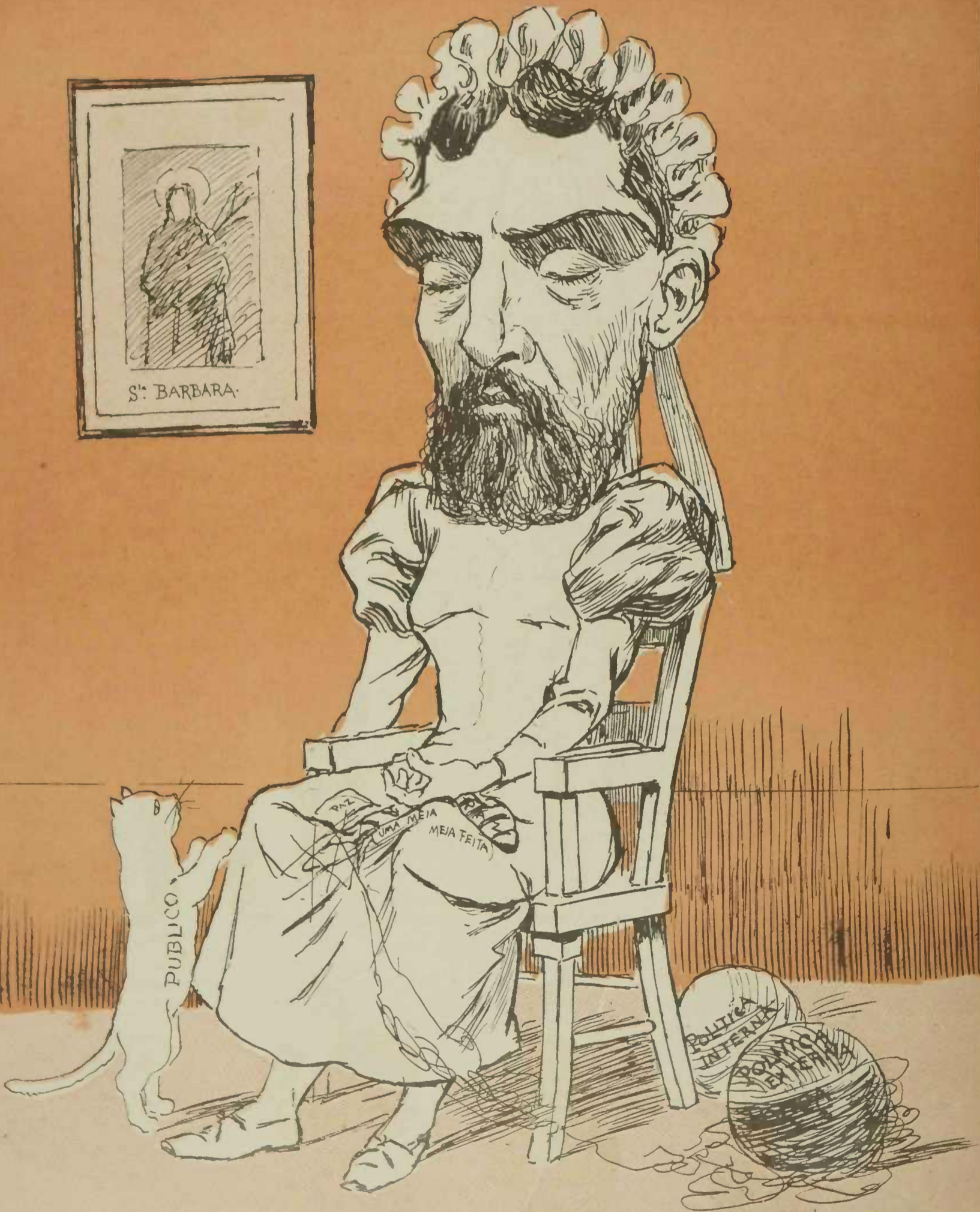
Chegou. Um beijo, dois beijos, dez beijos. Uma hora, hora e meia, duas horas. Longas tiradas amorosas, sonetos, muitos sonetos, recitados com fogo, (porque é poeta, o infeliz!) muitas phrases, mais beijos, muitos beijos... E a gentil, a pobre M. voltou d'aquella entrevista com o coração queimado de uma raiva terrivel.

E disse-me, com furia:

— Como se eu fosse o altar de Nossa Senhora, que se beija e... se respeita! Dizem que é poeta... pôde ser! tem boas ideias, mas, quando quer pô-las em pratica... talta-lhe a inspiração.

X.

FERVET OPUS



Direção photographica de
Nuno Leão

J. MACHADO

D. Prudencia da Pacificação

QUANDO A INTENDENCIA PAGAR...

Ella ao marido, empregado na Intendencia :



— A conta da modista.
— A conta?... Quando a Intendencia pagar...



Ella à modista.
— Quando a Intendencia pagar...



A modista ao armarinho :
— Quando a Intendencia pagar...



O armarinho ao fornecedor :
— Quando a Intendencia pagar...



O fornecedor ao seu alfaiate :
— Quando a Intendencia pagar...



O alfaiate ao seu Senhorio
— Só quando a Intendencia pagar....



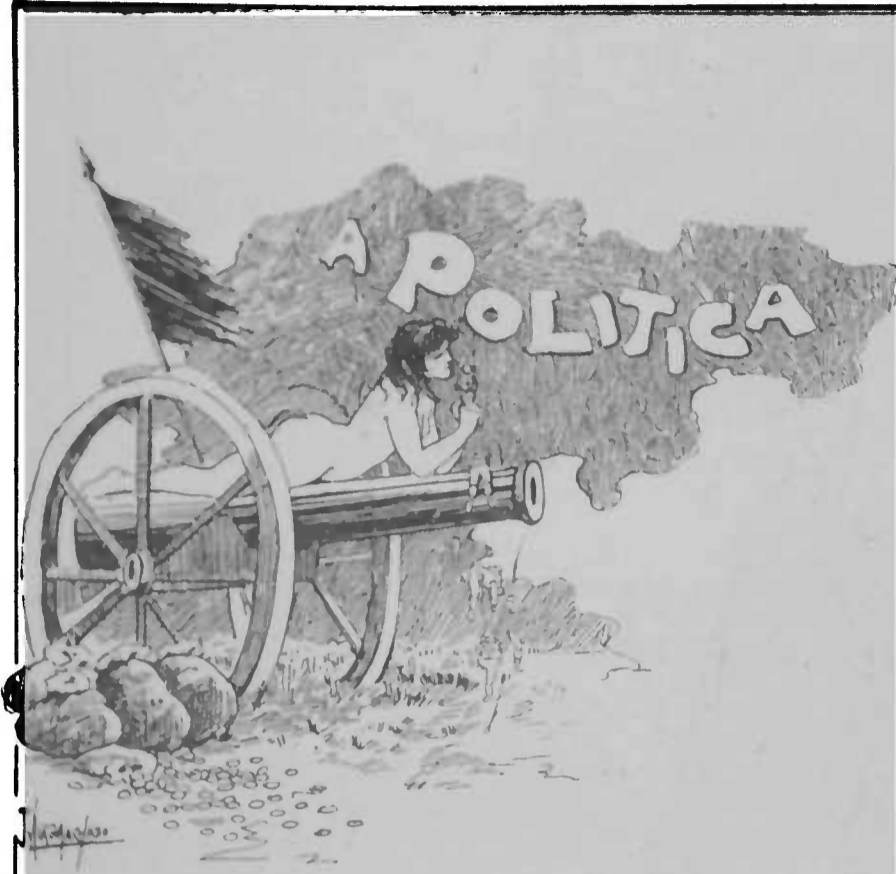
O Senhorio ao cobrador de impostos da Intendencia :
— Só quando a Intendencia pagar...



O cobrador...
— Só quando a Intendencia pagar...



J. M. A. V. D.



caso da pacificação dura ainda. Estamos todos anciosos, á espera de que uma solução qualquer venha pôr um termo á suspensão do juizo publico. Pobre publico! em a pedidos e em artigos de fundo, ninguem lhe pede outra cousa: pedem-lhe que suspenda o juizo.

E elle o suspende,—o desgraçado! suspende-o tanto e de tal modo, que o juizo, deshabitudo de andar cá por baixo, acaba por desertar a face da terra, e ir morar lá onde não chega o vão clamor das cousas politicas.

X

A anciedade minha e dos que me leem é natural. Todo o mundo acha razoavel que se faça a guerra durante quatro annos. Mas, quando se trata de fazer a paz, todo o mundo quer que ella seja feita para

alli, em quatro minutos, enquanto o general Tavares esfrega um olho e o coronel Wolf compra uma passagem de ida e volta.

Isso é humano como tudo quanto ha de mais humano. Vede qualquer creança. Tomae um baralho de cartas. Construi, para divertir a creança, um castello. Quando o castello, alto e glorioso, ficar acabado, a creança, com um piparote rapido, deital-o-ha abaixo, entre gritos de triumpho,—tão humano, tão natural, tão expontaneo é o instincto da destruição. E, agora, a vereis... Ella, tão prompta em arrazar a construcção, chorará de anciedade durante o tempo que empregardes em reerguel-a.



Povo é creança. Povo quer paz, para aqui, já, sem demora; quer vêr, succeda o que succeder, Castilhos abraçado a Tavares, Gaspar Martins abraçado a Cassiano, Quintino abraçado a Custodio.

Os jornaes têm contribuido notavelmente para a manutenção d'essa anciedade popular. Todos os dias, leem-se cousas assim, em quasi todas as folhas: é provavel que na conferencia de hoje se decidam os negocios do Rio Grande, ou «consta-nos que no despacho de hontem ficou resolvido aceitar o governo as bases da pacificação propostas pelos revolucionarios», ou ainda: «dizem que o governo repelle com energia as aviltantes propostas do general Tavares,» e patati-patata...

Os homens pacatos, como eu, poem-se a architectar, sobre essas noticias, arrojadas construcções de conjecturas fantasticas. E ninguem se entende. Porque, quando os jornaes dizem que a cousa está decidida, é quando a cousa está tão longe da decisão como as minhas informações do pensamento do governo.

Mas, emfim, já é tempo de querer á gente saber o que ha. Parece que, mesmo dentro do ministerio, ha quem não queira ouvir falar de paz. E, se é preciso transplantar para aqui o que se diz na rua do Ouvidor, vou contar a opinião de M. F.

M. F. (quem for atilado adivinhe que nome indicam essas iniciaes!) estava commigo, na rua do Ouvidor, n'um grupo em que se disseram estas cousas:



«Meu caro L. F.— disse uma pessoa — fique sabendo que eu ando sempre bem informado. Ha dias no Itamaraty, houve horrores. Um ministro, claramente infenso á ideia da paz, fallou longo tempo contra ella. Estava presente alguém que não é ministro, mas tem alto cargo: é quasi-presidente da Republica. Esse alguém, respondendo ao ministro-feroz, tomou a palavra e desenvolveu, em favor da paz, uma oração inflammada. Mas, parece que perdeu o tempo... e os sentidos, porque teve uma syncope, não sei se de cansaço, se de desapontamento.

— Mas, então,— inquiriu outro interlocutor — que é que quer o ministro-feroz?

Foi então que M. F. interveio, contando o seguinte caso:

— Conhecem vocês o romance de Paul de Kock *Madame Pantalon*? Imaginem! as mulheres emancipam-se, e, para bem affirmarem a sua emancipação, desatam a fazer tudo quanto-fazem os homens: leis, processos, receitas, mofinas, artigos, falcatrúas, etc. Mas M.^{me} Pantalon ainda não está contente: para que as mulheres em tudo sejam eguaes aos homens, é preciso que se batam em duello. Combina-se então um duello. E sabem que condições impõe uma duellista á outra? Diz-lhe: «Eu ficarei com a minha espada em riste na mão direita, e a minha pistola engatilhada na mão esquerda. A senhora marchará para mim, e espetar-se á na espada: eu desfechar-lhe-ei então um tiro á queima-roupa. Se não lhe succeder cousa alguma, terá a senhora o direito de me fazer o mesmo!» Ah! tem vocês! essa proposta é mais ou menos identica á que o ministro-feroz quer que o governo faça aos revolucionarios.

— Como assim? — exclamou um de nós — não entendo!

— Não entende? — tornou M. F. — pois não é minha a culpa! Ouça! O ministro-feroz, só quer fazer a paz, ficando com todas as glorias do vencedor, sem dar á revolução a menor garantia. E' por isso que nada se fez até hoje.



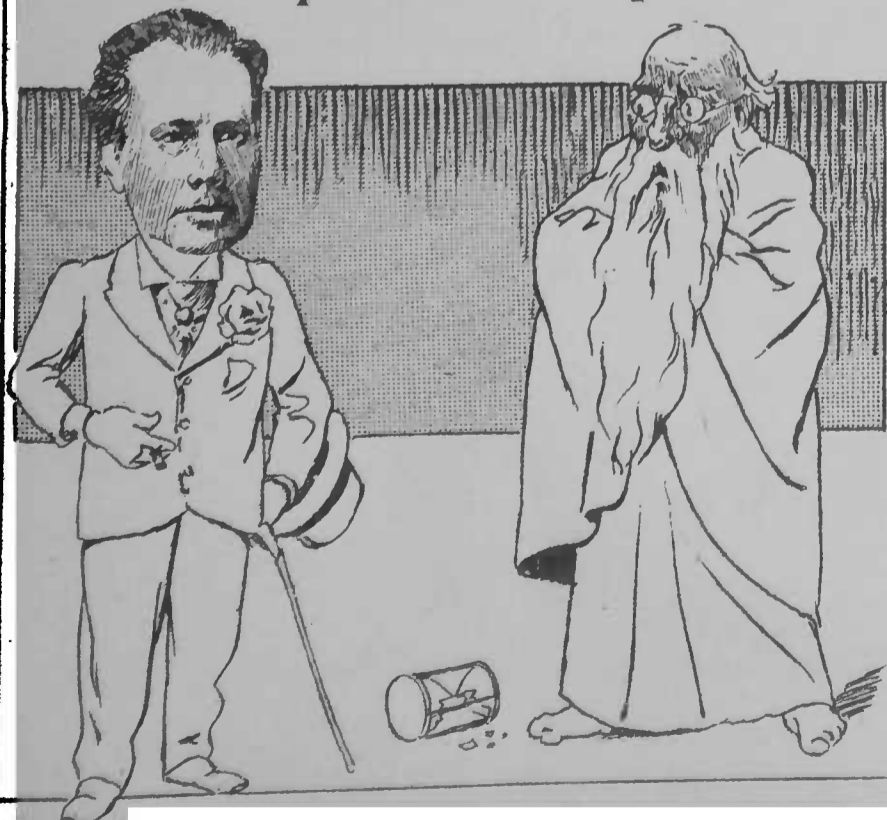
Aqui, separámos-nos. Sem estar inteiramente de accôrdo com M. F., acho que ha n'essa historia uma pitada de bom senso.

L. F.





O actor Silva Pereira, rival do Padre Eterno



Novelli, que no dia 14 parte para a Europa, não quiz deixar de se despedir generosamente do publico fluminense, que—valha a verdade!—não é bem merecedor d'essa generosidade, porque prefere ir applaudir a ignobil e velha pornographia das revistas souzabastianas a ir applaudir o grande actor italiano.

Tivemos já *Os Deshonestos* de Rovetta, *Quatro mulheres n'uma casa*, de Giacometti, *Felippe*, de Scribe, e uma segunda edição de *Papá Lebonnard*, além de soberbos monologos, de entre os quaes se destacou o magnifico *Avô*, dito por Ermete de um modo encantador.

Já não tenho adjectivos para este homem!

Referir-me-hei aqui mesmo, apesar de ser esta secção consagrada apenas a theatros, ao delicioso concerto de Alberto Nepomuceno, realizado, domingo ultimo, no magnifico salão-Bucciarelli do Instituto Nacional de Musica. O nossó illustre compatriota, chegou .. tocou e venceu. Mais de mil pessoas applaudiram delirantemente, n'aquella tarde memoravel, o joven e já glorioso compositor da *Electra*.

A *Cigarra*, por meu intermedio, envia-lhe d'aqui uma segunda edição dos applausos com que o recebeu.

Buck.

A SEMANA



Viagens rápidas para a "mansão dos Justos" pela Estação Central
 « Abatimento de 2½% para creanças e militares. A Companhia estipulou a multa de 1.000.000 \$ para os Srs viajantes de 1ª classe que chegarem vivos aos seus domicílios; 800.000 \$ para os Srs via-
 jantes de 2ª classe e 500.000 \$ para os de 3ª. Pede-se aos Srs passageiros a fúria de não se ati-
 raem pelas portinholas durante o trajecto e de esperarem pacientemente o momento da catastrophe. »



— Ensinaam-me uns versos para te dizer nas espiças - os ...